

Como considerar o que dizem os espíritos se os mesmos se contradizem?

Essa crítica é feita principalmente por evangélicos, católicos e ateus. Como a esmagadora maioria das críticas deferidas ao Espiritismo, essa demonstra o desconhecimento do autor da mesma com relação à doutrina; e ainda, nesse caso, simplesmente um raciocínio de observação sobre a sua própria religião tiraria todo o mérito da crítica.

Temos a Bíblia como a referência para todos os católicos e evangélicos; mas perguntemos: como existe hoje essa Bíblia que está ao alcance de nossas mãos? Ela veio pronta dos céus ou foi formada depois de um estudo seletivo de vários textos que existiam em vários lugares e que haviam sido escritos por vários diferentes homens? Percebe-se que a segunda alternativa é a verdadeira. Logo, como criticar a existência de posições diferentes nas comunicações dos espíritos se a própria Bíblia também fora resultado de estudos que decidiram quais livros eram corretos e quais deveriam ser considerados como apócrifos? O próprio Apocalipse de João primeiramente não fez parte da Bíblia, sendo aceito e inserido na mesma somente após certo tempo. Temos hoje diferentes Igrejas utilizando diferentes Bíblias em seus corpos doutrinários. Tornar o Espiritismo inválido pela discordância entre os espíritos seria, por simples raciocínio análogo ou coerência, tornar também inválida a Bíblia.

Qualquer estudo minimamente sério da doutrina espírita já revelará a advertência de que tudo deve ser cuidadosamente analisado. A própria idéia da reencarnação passou por isso, como atesta um trecho da Revista Espírita de fevereiro de 1862: “quando nos foi revelado, ficamos surpresos, e o acolhemos com hesitação, com desconfiança: nós o combatemos durante algum tempo, até que a evidência nos foi demonstrada. Assim, esse dogma, nós o aceitamos e não inventamos, o que é muito diferente”.

Os espíritos existem nos mais diferentes graus de desenvolvimento intelectual e moral (pois não são eles nada mais nada menos que seres humanos que viveram encarnados entre nós?), daí nascerem discrepâncias entre as comunicações realizadas. Há os sábios e os ignorantes, cabendo a nós, na natureza de cada comunicação, discernir uns dos outros.

No do livro Obras Póstumas, Kardec esclarece de forma objetiva a metodologia utilizada por ele na codificação da doutrina: “apliquei a essa nova ciência, como o fizera até então, o método da experimentação; jamais occasionei teorias pré-concebidas; observava atentamente, comparava, deduzia as conseqüências; dos efeitos procurava remontar às causas, pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, não admitindo uma explicação como válida senão quando podia resolver todas as dificuldades da questão. Foi assim que sempre procedi em meus trabalhos anteriores, desde a idade de 15 a 16 anos.

Um dos primeiros resultados de minhas observações foi que os espíritos, não sendo outros senão as almas dos homens, não tinham a soberana sabedoria, nem a soberana ciência; que o seu saber estava limitado ao grau de seu adiantamento, e que a sua opinião não tinha senão o valor de uma opinião pessoal. Essa verdade, reconhecida desde o princípio, me preservou do grande escolho de crer em sua infalibilidade, e me impediu de formular teorias prematuras sobre o dizer de um só ou de alguns. (...)

Tais foram as disposições com as quais empreendi, e sempre persegui os meus estudos espíritas; observar, comparar e julgar, tal foi a regra constante que segui.”

Disso resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle da generalidade, não pode ser considerado parte integrante da doutrina espírita, mas uma

simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade. É a coletividade concordante da opinião dos espíritos, passada, por outro lado, pelo critério da lógica, que faz a força da doutrina espírita, e lhe assegura a perpetuidade.

Leia ainda: [o Espiritismo veio dos espíritos, que não são infalíveis: qual é então a sua autoridade?](#)